

Horácio Costa

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

O tempo da arte é circular e o da nossa história, linear. Circular porque implica retomadas, reavaliações, releituras que se enrolam, talvez em espiral, com o tempo da história, dita oficial, que sim é linear, vinculada à ideia de progresso. Com a aceleração das informações, corre-se hoje o risco de esquecer que a temporalidade da arte difere daquela da história contabilizável e contabilizada. Tudo conspira com o desiderato de tentar fazer-se marcar, imprimir-se sobre o tempo coletivo, histórico, de forma imediata, numa espécie de delírio de linearidade. O lugar do literário é um destempo que refuta essa linearidade – portanto esse prisma de aceitação e legibilidade imediatas –, e está inserido na figura geométrica do círculo ou da espiral.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

O editor de meu mais recente livro, *Ravenalas*, me alertou que não poderia arcar com os custos de uma edição de poesia que usualmente “encalha”. Propus-lhe fazer a menor tiragem possível: 175 exemplares – e é um *best-seller*! já se esgotou! que sucesso, não? Mudo o ângulo da resposta e já não serei mais sardônico. O jogo da poesia pressupõe um projeto longo. Não se escreve para agora, é mais fácil escrever-se para nunca. O agora pode ser o tema, o estopim da poesia, mas não é o horizonte da escrita. O projeto é mesmo longo. O longo alcance diz respeito a um concerto de inefabilidades: o talento individual, a capacidade de dedicação e persistência, a sorte que corresponde à recepção ou não do que se escreve, a propriedade ou o decoro da matéria poética etc., mas fundamentalmente: o mergulho na fossa das Filipinas da poesia.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

A excelência objetiva, aferível, ensinável de nossa poesia, particularmente aquela que se produziu aqui nos últimos cem anos, não me empanou, não me empana os olhos para observar aí a ausência da palavra homossexual em nosso respeitável cânone moderno. Por que tivemos que esperar até o final do século xx para contar com o registro da voz homossexual na literatura brasileira? Sou um homossexual militante, fui presidente da ABEH, Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. Se o “lugar” da poesia é o da liberdade, da “casa do ser” como dizia Heidegger, como ficamos? a poesia brasileira nunca foi escrita por veados? não terão existido? Quando tratamos do registro homossexual, estamos diante de uma zona de silêncio no cânone moderno e modernista de nossa tradição poética. Esta zona de silêncio grita. Este cânone tem que ser questionado, repensado e remontado. Minha obra poética e crítica, assim como minha atividade política, incide para lançar alguma luz neste espaço. Eu não estou silencioso, nem sou silenciável.

Como você pensa a forma literária?

Creio que a finalidade última do homem que se submete à educação dos seus não cinco, mas seis sentidos é a estesia. Viver sem um horizonte estético é assumir o fantasma, sempre à espreita, do suicídio. A forma literária nasce do confronto penoso entre a vontade de receber e ordenar as realidades conforme um devir estético e o desejo de entregar-se ao caos aparential do todo. A forma literária não é formal, mas vital. Ela não é deífica, arrogante, como diz o José Gorostiza no poema “Morte sem fim”. Ela existe porque há literatura e, no caso da poesia, porque há a voz, o vento subjetivo. O formalismo, em resumo, é uma covardia. É uma doce forma de suicídio.

Horácio Costa (1954) é poeta, tradutor e crítico literário. Doutorou-se na Yale University, foi titular na Universidade Nacional Autônoma do México e ensina atualmente na FFLCH-USP. Publicou o livro de poemas *Ravenalas* (Selo Demônio Negro, 2008), entre outros.